

O Herdeiro das Sombras

Romance histórico sobre um músico ambientado na corte de Pedro II.
Gottschalk, uma recriação luminosa

A engenhosa combinação de diferentes aspectos faz da leitura de *O Herdeiro das Sombras*, o mais novo romance de Sinval Medina, uma verdadeira delícia. Medina continua fiel à trilha pós-modernista do romance histórico, pela qual enveredou em seu primeiro livro, *Liberdade Condicional* (1980), e que, no penúltimo, *Tratado da Altura das Estrelas*, rendeu-lhe nada menos que o importante Prêmio Passo Fundo de Literatura. Mas desta vez atinge o apogeu do hibridismo, fundindo com mestria uma apurada pesquisa em alfarrábios seculares com a mais desbragada ficção. A figura central é o pianista e compositor norte-americano Louis Moreau Gottschalk (1829-1869), autor da famosa *Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional* e também de uma das peças de salão escolhidas para a trilha sonora do filme de André Klotzel, *Memórias Póstumas*.

Gottschalk, nascido em New Orleans em 1829 e morto no Rio de Janeiro aos 40 anos, em pleno Segundo Reinado, privou do mesmo apadrinhamento com que o imperador Pedro II brindou, entre outros músicos, o grande campineiro Carlos Gomes. Como este, contudo, não foi brilhante o suficiente para produzir uma obra que o mantivesse no repertório internacional até hoje, com exceção talvez da *Fantasia Triunfal*. Mais pianista do que compositor, e por isso mesmo sempre aturdido por copiosa agenda de concertos, Gottschalk dedicou-se pouco à composição e está longe de ter uma obra do mesmo porte de um Chopin ou de um Liszt, outros dois virtuosos históricos do piano e que o teriam inspirado.

Menos do que a música, como se vê, o que levou Medina a se aprofundar na vida de Gottschalk foi uma série de coincidências em sua biografia, como uma certa ligação do músico com a irlandesa Elisa Alicia Lynch, depois mulher do ditador paraguaio Francisco Solano Lopez, a vinda de Gottschalk ao Brasil no período mais crítico da guerra contra o Paraguai, embora Pedro II fizesse pouco de uma parcela dos militares que viam no pianista um espião a serviço de Lopez e, enfim, a repentina morte do pianista no Rio de Janeiro, sem que os médicos tivessem condição precisar a causa mortis.

Amealhando retalhos de história, memórias registradas aqui e ali, Medina recria a trajetória de Gottschalk sem receio de completar os vazios documentais, antes construindo o que falta com o máximo de liberdade. Em tramas paralelas, anexa personagens instigantes como Marie Laveau (1794-1881), rainha do vodu em New Orleans, o berço do jazz, que foi irmã de leite de Gottschalk; Benedito Calazans, jovem mulato de 19 anos, agregado a uma rica família luso-carioca, que se torna secretário de Gottschalk; Aida Claire, jornalista e atriz norte-americana, por quem o músico cultivava uma antiga paixão; e a brasileira Maria Laura Camargo Quinteiros, mulher de um militar retornado em frangalhos da Guerra do Paraguai, derradeiro amor da vida do pianista. Não há vazios, mas desvários possibilitados pela ficção resultante da aventura detetivesca da pesquisa e de uma saborosa estratégia narrativa, porque o papel da literatura novelesca é esse mesmo: impulsionar a imaginação a completar os vazios, resgatando, mais do que a história, a lenda, o próprio mito.

Na voz do jovem secretário Calazans, o romance criado por Medicina se desenrola vertiginoso e envolvente, a ponto de incluir até mesmo uma das maiores tragédias marítimas registradas em águas brasileiras, o naufrágio do transatlântico espanhol Príncipe das Astúrias. O fecho concentra-se numa brilhante homenagem a Machado de Assis, coincidentemente na figura de Brás Cubas, também referido pelo cinema de forma admirável no filme de Klotzel.

Um último aspecto da delícia propiciada pela leitura de *O Herdeiro das Sombras* diz respeito à linguagem mesma com que Medina o edificou. Indo do coloquial ao erudito, como observa Alfredo Bosi no texto da orelha do livro, Medina recupera palavras e ditados populares em uso na época do Segundo Reinado, com o que enriquece o paupérrimo universo vocabular dos nossos dias. O interessante, diga-se de passagem, é que não os utiliza de maneira pernóstica nem professoral, mas com humor, um refinado humor que ajuda a decifrar os significados sem que se brigue com os significantes ou se tenha de recorrer a dicionários. Brilhante!

Ana Maria Ciccacio

O Herdeiro das Sombras, de Sinval Medina, Editora Mandarin, São Paulo, 2001, 376 páginas, tel. (11) 3649-4662, formato: 14 x 21 cm.